

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS, HUMANIDADES E EDUCAÇÃO – HCE

CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO

KARIZE PEREIRA CONSONI

**ARTISTA, OBRA E PÚBLICO:** REFLEXÕES SOBRE AS  
POSSIBILIDADES DE INTERAÇÃO COM A ARTE CONTEMPORÂNEA

CRICIÚMA  
2013

**KARIZE PEREIRA CONSONI**

**ARTISTA, OBRA E PÚBLICO: REFLEXÕES SOBRE AS  
POSSIBILIDADES DE INTERAÇÃO COM A ARTE CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ma. Edite Volpato Fernandes

**CRICIÚMA  
2013**

**KARIZE PEREIRA CONSONI**

**ARTISTA, OBRA E PÚBLICO: REFLEXÕES SOBRE AS  
POSSIBILIDADES DE INTERAÇÃO COM A ARTE CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas.

Criciúma, 25 de junho de 2013.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup>. Edite Volpato Fernandes - Mestra - (UDESC) - Orientadora

Prof<sup>a</sup>. Angélica Neumaier - Especialista - (UFSM)

Prof<sup>a</sup>. Odete Angelina Calderan - Mestra - (UFSM)

**Dedico esta pesquisa primeiramente a Deus,  
e a todos que de alguma forma contribuíram  
e acreditaram que eu seria capaz.**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, não poderia deixar de agradecer a Deus, por todos os momentos da minha vida, pois sem a força dele acredito que nada é possível.

Em especial a minha família, que sempre esteve ao meu lado e soube com muita sabedoria, me orientar, dar bons conselhos e incentivar.

Gostaria de agradecer imensamente a professora Edite, pela paciência, otimismo, contribuições e por aceitar o desafio de orientar esta pesquisa, assim como os outros professores que estiveram presentes durante a graduação e foram fundamentais no meu desenvolvimento enquanto acadêmica.

Agradeço às amigadas que conquistei ao longo deste caminho, pelas alegrias e aflições compartilhadas, em especial a minha colega Janaina.

Enfim, meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que acompanharam a minha trajetória e que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta pesquisa.

“O ato criador não é executado pelo **artista** sozinho, o **público** estabelece o contato entre a **obra** de arte e o mundo exterior, decifrando e interpretando suas qualidades intrínsecas e, desta forma, acrescenta sua contribuição ao ato criador.”

Marcel Duchamp

## RESUMO

Esta pesquisa tem como característica ser direcionada a um Trabalho de Conclusão de Curso e apresenta como objetivo compreender as possibilidades de interação que podem ser estabelecidas entre o público e uma produção artística contemporânea, fundamentando-as a partir do levantamento teórico. O problema de pesquisa está assim elaborado: como o público interage com uma produção artística contemporânea? Quanto à linha de pesquisa no curso de Bacharelado em Artes Visuais, insere-se em processos e poéticas, sendo de natureza básica. Fazendo parte de uma pesquisa qualitativa e no que se refere aos procedimentos técnicos consiste em uma pesquisa bibliográfica. A fundamentação desta pesquisa estabelece reflexões com os autores Canton (2009), Cocchiarale (2006), Costa (2004), O'Doherty (2002), Ostrower (1999), Peixoto (2003) entre outros que abordam concepções da arte contemporânea, público, interação e processo criativo, oportunizando diálogos com artistas importantes como Lygia Clark e Hélio Oiticica. Em consonância com a pesquisa acontece a produção artística, evidenciando a arte contemporânea por meio da instalação intitulada Dualidade na perspectiva da interação entre artista, obra e público. Abrange assim o objetivo de possibilitar ao público participar ativamente do processo criador, e finaliza com algumas considerações refletindo sobre os conhecimentos construídos.

**Palavras-chave:** Arte Contemporânea. Artista. Interação. Público.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mitodengo de Ernesto Neto, 2009.....	15
Figura 2 – Bastidor de Ana Holck, 2010.....	15
Figura 3 – Bichos de Lygia Clark, 1960.....	21
Figura 4 – Parangolés de Hélio Oiticica, 1964 .....	21
Figura 5 – <i>Taijitu</i> : Desenho da Grande Reciclagem.....	26
Figura 6 – Mandala Frente, 2010 .....	27
Figura 7 – Mandala Verso, 2010 .....	27
Figura 8 – Conjunto de Pratos, 2011.....	28
Figura 9 – Divina Flor, 2012 .....	29
Figura 10 – Fases da Vida, 2012 .....	29
Figura 11 – Modelos de Peças Brancas.....	30
Figura 12 – Primeiros Esboços .....	31
Figura 13 – Desenhando e Recortando .....	32
Figura 14 – Aplicando os Adesivos .....	32
Figura 15 – Colando os Ímãs .....	32
Figura 16 – Círculo Metálico Preto .....	32
Figura 17 – Proposta Inicial.....	33
Figura 18 – Citação de Marcel Duchamp .....	33
Figura 19 – Instalação: Dualidade, 2013.....	34
Figura 20 – Momentos do Público Interagindo .....	34



## SUMÁRIO

<b>1 RELATANDO QUESTIONAMENTOS E INTENÇÕES .....</b>	<b>9</b>
<b>2 MODERNO E CONTEMPORÂNEO: CONTEXTOS COMPLEMENTARES .....</b>	<b>11</b>
2.1 OS LUGARES DA ARTE E SUAS TRANSFORMAÇÕES .....	13
<b>3 ARTISTA, OBRA E PÚBLICO: CONHECENDO SUAS RELAÇÕES .....</b>	<b>17</b>
3.1 ATIVO E PASSIVO: OS OPOSTOS NA INTERAÇÃO .....	20
<b>4 MÉTODOS: DIRECIONANDO O CAMINHO DA PESQUISA.....</b>	<b>23</b>
<b>5 PASSADO E PRESENTE: CONTINUIDADE NO PROCESSO CRIATIVO .....</b>	<b>25</b>
5.1 TRAJETÓRIA: RESGATANDO MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS .....	27
5.2 INSTALAÇÃO ARTÍSTICA: PROVOCANDO OS SENTIDOS.....	29
<b>6 REFLETINDO SOBRE OS CONHECIMENTOS CONSTRUÍDOS .....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>37</b>

## 1 RELATANDO QUESTIONAMENTOS E INTENÇÕES

As diversas linguagens que permeiam as Artes Visuais constituem-se em várias formas, podendo ser uma pintura, escultura, desenho, objeto artístico e até mesmo uma instalação, entretanto sempre enfatizando a originalidade e identidade do artista no processo de criação. Estes fatores são essenciais e contribuem na ampliação do olhar e na construção do repertório dos sujeitos.

Durante algum tempo venho refletindo sobre a arte contemporânea, por isso comecei a caminhada enquanto pesquisadora e interessada na certeza de explorar este tema. No período de graduação as inquietações foram muitas surgindo à necessidade de construir novos conhecimentos sobre a arte contemporânea que é bastante abrangente e com inúmeras possibilidades de expressão. Sendo assim, para desenvolver minha produção artística que é um dos requisitos que envolvem o Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Artes Visuais, selecionei apenas uma forma contemporânea de expressão artística: a instalação.

Em relação às propostas contemporâneas como a instalação, a performance, a videoarte e entre outros, considero algumas como instigantes e provocativas já outras ocasionam repulsas e questionamentos como a conhecida frase: isto é arte? São muitas as dúvidas que o público em geral apresenta perante uma produção contemporânea exposta, começando a se perguntar se é permitido ou não contribuir ao ato criador e estas incertezas aparecem mesmo enquanto acadêmica do curso de Artes Visuais, onde estudamos esse assunto. Isto acabou por se tornar o ponto de partida, a motivação para meu interesse por uma pesquisa abrangendo estas dúvidas.

Baseada nessa questão apresentada formulei o seguinte problema de pesquisa: como o público interage com uma produção artística contemporânea? Desmembrando este problema, estabeleço outras questões norteadoras: qual a contribuição da arte contemporânea para a ampliação do olhar do público? que sensações o público vivencia na fruição com a arte contemporânea?

Esta pesquisa envolve um estudo sobre a temática da arte contemporânea e tem como objetivo geral: compreender as possibilidades de interação que podem ser estabelecidas entre o público e uma produção artística contemporânea, fundamentando-as a partir do levantamento teórico. E como objetivos específicos que trazem uma aproximação maior com as ações, procuro:

realizar uma pesquisa para o embasamento teórico dos conceitos centrais que envolvem a problematização, possibilitar ao público a oportunidade de participar ativamente do processo criador e produzir artisticamente na perspectiva de promover a interação entre artista, obra e público.

Para uma melhor compreensão do contexto pesquisado é fundamental perceber como a arte contemporânea está presente na sociedade hoje em dia, envolvendo temas relacionados com o cotidiano das pessoas e assim redefinindo novos olhares a partir do momento em que nos permitimos sentir e tocar a arte.

Deste modo, a pesquisa se divide em seis capítulos para que consiga abranger as questões essenciais que a orientam, sendo este o primeiro capítulo, que corresponde à introdução. Já o segundo capítulo se desdobra em um aprofundamento sobre arte, contextualizando-a desde seu início até a contemporaneidade e para fundamentar trago alguns autores como Canton (2009), Cauquelin (2005) e Danto (2005).

Nesse mesmo capítulo aponto os lugares da arte e suas transformações assim como a instalação artística e busco como referência os autores Bourriaud (2009), Lamas (2007) e O'Doherty (2002). Este é seguido pelo terceiro capítulo, que traz as relações entre artista, obra e público e os autores que dialogo são Cocchiarale (2006), Coli (1995) e Peixoto (2003), também enfatizo as artes interativas por meio dos autores Arantes (2005), Braga (2008) e Costa (2004).

Com relação à metodologia escolhida para a realização da pesquisa menciono Minayo (2004) e esta se apresenta no quarto capítulo, tendo como sequência o quinto capítulo onde os autores Ostrower (1999) e Salles (2009) contribuem no relato de todo o processo criativo, a trajetória enquanto artista e o desenvolvimento da produção artística evidenciando a arte contemporânea por meio de uma instalação. O sexto e último capítulo apresento algumas considerações refletindo sobre os conhecimentos construídos e os resultados alcançados.

Desejo que esta pesquisa a partir dos estudos realizados se torne esclarecedora para diversas pessoas, que estes encontrem nela informações para repensar seus conceitos sobre arte e com isso valorizá-la. Porém cabe ressaltar que o intuito não é produzir uma opinião finalizada e sim abrir novos horizontes frente à arte contemporânea.

## 2 MODERNO E CONTEMPORÂNEO: CONTEXTOS COMPLEMENTARES

Um dos primeiros sinais da existência humana aparece nas paredes das cavernas através de imagens desenhadas, conhecidas como *arte rupestre*<sup>1</sup>, onde os povos pré-históricos deixaram registrados para a posterioridade um pouco do seu tempo, seus costumes e a forma de ver e representar os fatos. Portanto, a arte se faz presente no mundo e na sociedade desde a sua primeira manifestação. Porém, nos questionamos incessantemente: para que serve a arte?

Para começar, podemos dizer que ela provoca, instiga e estimula nossos sentidos, descondicionando-os, isto é, retirando-os de uma ordem preestabelecida e sugerindo ampliadas possibilidades de viver e de se organizar no mundo. (CANTON, 2009, p. 12).

Essas ampliadas possibilidades de viver e de se organizar o mundo estão ligadas às transformações e renovações que a arte vem passando desde o período moderno até o contemporâneo e os diferentes movimentos que ao longo do tempo influenciaram de uma forma ou de outra.

Para que possamos compreender melhor a verdadeira essência da arte e assim ela provocar, instigar e estimular nossos sentidos é preciso acompanhar as mudanças das técnicas, formas e cores, que surgem em cada manifestação artística por meio de novos meios de expressão.

Para que a gente entenda arte contemporânea, devemos entender dois momentos que a precederam. Primeiro: o momento em que a arte se torna arte, o que nós chamamos arte, que é o Renascimento. Segundo: o momento em que uma outra arte, a moderna, rompe com a tradição mimética renascentista. E por último, ainda que panoramicamente, a gente pode traçar algumas diferenças essenciais entre a arte contemporânea e a arte moderna. (COCCHIARALE, 2006, p. 42).

Antes de abordarmos o tema arte contemporânea devemos entender dois momentos que a precederam, primeiramente o Renascimento onde havia a necessidade e preocupação em representar seja por meio de pinturas ou esculturas um assunto ou objeto, tal realidade como era vista e podemos dizer que este momento foi vinculado a valores éticos ou religiosos.

---

<sup>1</sup> Do francês rupestre, o termo designa gravação, traçado e pintura sobre suporte rochoso, qualquer que seja a técnica empregada. Considerada a expressão artística mais antiga da humanidade, a arte rupestre é realizada em cavernas, grutas ou ao ar livre. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br>>

Com o surgimento da fotografia apresentando perfeição e baixo custo uma grande evolução aconteceu, fez com que os artistas rompessem com a tradição mimética renascentista e repensassem a maneira como produzir arte depois desta novidade, este período ocasionou uma busca por inovações e assim descobriram novos meios para expressar seus sentimentos.

A fotografia liberou os artistas, até então incumbidos de registrar nas telas pessoas, paisagens e fatos históricos para a posterioridade. Agora a fotografia podia cumprir essa função, dando ao artista a liberdade de criar e realizar novas pesquisas e experimentos com seus pincéis, suas mãos e seus olhares. (CANTON, 2009, p. 19).

Depois que a fotografia liberou os artistas surgiu o período da arte moderna, responsável pela ruptura dos antigos padrões estabelecidos, tendo agora como característica o olhar sentimental do artista. O marco inicial deste movimento no Brasil foi a Semana de Arte Moderna de 1922, onde vários artistas apresentaram ao público uma nova forma de expressão, segundo Canton (2009, p. 25) “era como se a arte quisesse transformar a realidade, e não simplesmente reproduzi-la”.

Os artistas deste movimento pintavam de um mesmo modo, num mesmo suporte, obedecendo a regras impostas pela arte acadêmica e não exploravam as variadas formas possíveis de se trabalhar. Com o passar do tempo a arte moderna sofreu um desgaste devido a estes fatores citados e ficou clara a necessidade dos artistas em rejeitar as normas de cada movimento e buscar novas possibilidades.

Através desta necessidade é que a arte se transformou mais uma vez, agora com o surgimento da arte contemporânea para dar continuidade ao que foi a arte moderna. É importante ressaltar que a arte sofreu mudanças e renovações e continua em constante evolução, pois se transforma conforme as épocas e os contextos sociais. Conforme Cauquelin (2005, p. 87) “há, de fato, ruptura entre os dois modelos apresentados, o da arte moderna, pertencente ao regime de consumo, e o da arte contemporânea, pertencente ao de comunicação”.

Podemos dizer que a arte moderna pertence ao regime de consumo, já que as pinturas dos renomados artistas têm reconhecimento e são comercializadas em busca de lucro, porém hoje a essência da arte contemporânea pertence à comunicação já que o produto de interesse é a informação. Então nos questionamos: como vender uma produção contemporânea que ao mesmo tempo pode ser uma ideia efêmera e eterna?

O que está desaparecendo sob nossos olhos é apenas essa concepção falsamente aristocrática da disposição das obras de arte, ligada ao sentimento de adquirir um território. Em outros termos, já não se pode considerar um obra contemporânea como um espaço a ser percorrido (a “volta pela casa” do proprietário é semelhante à do colecionador). Agora ela se apresenta como uma duração a ser experimentada, como uma abertura para discussão ilimitada. (BOURRIAUD, 2009, p. 20-21).

A arte contemporânea existe para ser experimentada, e nela estão inseridas além da pintura, escultura, desenho, objeto artístico outras diferentes manifestações como a instalação, a performance, a videoarte e entre outros, e apesar destas representações fazerem parte de várias situações de nossas vidas, pode se tornar um tema bastante contraditório e polêmico, quando o objetivo é elaborar um conceito. De acordo com Danto (2005, p. 243):

O conceito de expressão é o mais pertinente ao conceito de arte afinal, a idéia de que arte é expressão veio a ser tomada por uma pretensa definição de arte, e isso seria ainda mais verdadeira se fosse o caso de que as obras de arte, além de serem representações, exprimem alguma coisa sobre seus temas, quando os têm. Isso quer dizer que não haveria obra de arte se não houvesse expressão.

Para existir obra<sup>2</sup> contemporânea é necessário expressão e essa nova maneira de se expressar vem causando vários tipos de interpretações nos sujeitos que convivem com esta arte, desde o estranhamento até o encantamento, pois a mesma obra pode gerar diferentes sensações. Para uma pessoa pode ser algo estranho como para outra pode ser encantador e são esses questionamentos que movem a arte e assim ultrapassam as expectativas do público.

## 2.1 OS LUGARES DA ARTE E SUAS TRANSFORMAÇÕES

A arte saiu das telas e dos cavaletes assim como das galerias e museus, para concretizar-se em todos os suportes e lugares, conforme Canton (2009, p. 58) ao afirmar que “lugares fixos, conhecidos ou confortáveis, são trocados por não lugares, lugares de passagem, lugares virtuais, lugares que nos impõem outros tipos de troca”.

---

<sup>2</sup> A expressão obra, embora não consiga mais abarcar o significado de produção artística contemporânea, pela sua diversidade ou caracterização histórica, continuará presente na escrita deste trabalho com o mesmo sentido de fazer artístico.

No período moderno os lugares consagrados da arte eram somente museus e galerias, onde o público precisava deslocar-se até lá permanecendo no interior de uma sala e diante de uma parede para que pudesse contemplar as emolduradas pinturas. Na arte contemporânea:

O pedestal desmoronou, deixando o espectador mergulhado num espaço de parede a parede. Assim a moldura sumiu, o espaço se espraiou pela parede, gerando turbulência nos cantos. A colagem desprende-se do quadro e se acomodou no chão com a naturalidade de um pedinte. O novo deus, espaço amplo, homogêneo, fluiu facilmente por todos os lados da galeria. Todos os empecilhos foram removidos, exceto a “arte”. (O'DOHERTY, 2002, p. 101).

Com todos os empecilhos removidos e com criatividade e imaginação as formas desenvolvem-se umas a partir das outras, sendo possível o artista apropriar-se dos mais variados objetos e construir o seu próprio espaço de exposição, como é o caso da instalação. Portanto, é necessário romper verdades aprisionantes e entrar no mundo das dúvidas e incertezas, e assim abrir-se para o novo.

Por isso nessa perspectiva de explorar a contemporaneidade se encaixa a instalação, expressão artística escolhida para desenvolver minha produção. Lamas (2007, p. 78) apresenta o conceito de instalação como:

Prática contemporânea híbrida que foi gerada nas experimentações artísticas dos anos 60-70 (sendo precedida pelas vanguardas artísticas do início do século XX). Tal conceito consiste basicamente na interdependência significativa entre a “obra”, o espaço-tempo circundante e quem o adentrar, questionando-se as tradicionais categorias artísticas, independentes e sem nenhuma relação com o espaço do mundo comum, com o espectador e com a própria vida.

Esta interdependência entre obra, espaço e público não se fazia presente na arte moderna, já nos tempos contemporâneos percebemos o aproveitamento desta relação, por exemplo, nos trabalhos o Mitodengo<sup>3</sup> de Ernesto Neto, 2009 (Figura 1) que nasceu em 1964 no Rio de Janeiro, e o Bastidor de Ana Holck, 2010 (Figura 2) que nasceu em 1977 no Rio de Janeiro.

Os artistas brasileiros Ernesto Neto e Ana Holck são movidos por suas intenções e por isso empregam a mistura de materiais inusitados nas suas instalações artísticas construindo assim diferentes formas, e estas muitas vezes exploram todo o espaço da exposição despertando a curiosidade do público.

---

<sup>3</sup> As figuras citadas no texto serão destacadas com as iniciais em letras maiúsculas.

Figura 1 – Mitodengo de Ernesto Neto, 2009



Fonte: <http://www.artnet.com>

Figura 2 – Bastidor de Ana Holck, 2010



Fonte: <http://www.anaholck.com>

Em consonância com as imagens podemos refletir que:

Habitamos um mundo que vem trocando sua paisagem natural por um cenário criado pelo homem, por onde circulam pessoas, produtos, informações e principalmente imagens. E, se temos que conviver diariamente com essa produção infinita, melhor será aprendermos a avaliar essa paisagem, sua função, sua forma e seu conteúdo, e isso requer o uso de nossa sensibilidade estética. (COSTA, 2004, p. 11).



A arte faz parte do nosso dia-a-dia, podemos encontrá-la em múltiplos espaços do cotidiano, como os que transitamos, estudamos ou trabalhamos, por isso é indispensável aprendermos a conviver com estas diferentes formas e conteúdos, como também procurar estabelecer relações com o que observamos, conforme explica Bourriaud (2009, p. 57): “uma boa obra de arte sempre pretende mais do que sua mera presença no espaço: ela se abre ao diálogo, à discussão”.

Deste modo, conseguimos compreender que assim como a arte, os lugares e a forma como ela se apresenta também sofreram modificações, pois ao sair dos espaços fechados dos museus e galerias e manifestar-se em espaços abertos e livres, assim como a cidade, um lugar de grande transitoriedade dos sujeitos, a aproximação com a arte ficou mais visível e consequentemente o contato mais fácil.

### 3 ARTISTA, OBRA E PÚBLICO: CONHECENDO SUAS RELAÇÕES

Para compreender as relações entre artista, obra e público, é de grande importância apontar as mudanças que ao longo do tempo influenciaram a sociedade e seus costumes chegando até a atualidade, pois durante muito tempo a arte esteve ligada à magia, religião ou à política, e o público apreciador de arte era caracterizado por aqueles que usufruíam da riqueza e poder, avaliando a obra de arte como uma mercadoria a ser encomendada no sentido de adquirir algo.

Historicamente, as relações entre o artista plástico e o público foram diferenciando-se, desde as civilizações antigas, segundo a função predominante que a arte exerceu em cada uma delas. Associada à magia, à religião ou à política, a arte coexistiu com o poder, temporal ou transcendente, e esteve, de alguma forma, a ele vinculada. (PEIXOTO, 2003, p. 5-6).

O público em geral não tinha contato com as obras, somente as pessoas poderosas possuíam esse acesso e segundo Peixoto (2003, p. 8), “as massas populares sequer tomavam conhecimento da existência de tais obras”. Para esta grande maioria da população, obras de arte eram elementos desconhecidos e eles não conheciam sua finalidade, por isso interpretavam de maneira errada ou inadequada, não considerando como um objeto artístico.

Com o surgimento dos museus e galerias de arte e as limitações impostas por estes locais, o público em geral distanciou-se ainda mais destes objetos chamados de arte. Conforme Peixoto (2003, p. 9) “originou-se aí um abismo intransponível entre uma minoria educada e uma maioria carente de educação, abismo que atingia agora proporções nunca vistas e iria ser um fator decisivo em todo o futuro desenvolvimento da arte”.

No período moderno a arte era destinada para apenas algumas pessoas, sendo estas a minoria, e a maior parte da população era excluída. Este abismo, ou melhor, este distanciamento existente entre obra e público, aos poucos foi sendo desconstruído e a partir do momento de libertação de certos padrões estabelecidos pela burguesia, a obra de arte passou a ser disponibilizada a todo e qualquer público. Vale ressaltar que todo e qualquer público refere-se às pessoas que possuem acesso a cultura e costumam frequentar lugares da arte, porém há uma evolução evidente rumo a tal aproximação e disponibilização para todos.

O campo da arte foi marcado por mudanças, desde a maneira como os artistas se expressavam até os diferentes públicos que tinham contato com a obra, talvez seja por isso que algumas pessoas tenham “medo” de arte contemporânea, medo do desconhecido, medo do novo. Para Cocchiarale (2006, p. 11) “a maioria diz não entendê-la, por achá-la estranha àquilo que consideram arte. Outros, ainda que com conhecimento de causa, seja por conservadorismo, seja por preferirem a arte clássica ou por sua fidelidade teórica (paixão na verdade) à arte moderna”. Realmente algumas propostas causam questionamentos, porém estas pessoas devem compreender que a arte contemporânea vai além do entendimento, sendo indispensável se arriscar nas interpretações.

O problema é que essas pessoas usam um único verbo: entender. Entender significa reduzir uma obra à esfera inteligível. Eu nunca ouvi ninguém dizer: eu não consegui sentir esta obra. Como as pessoas têm medo de sentir, elas entendem, reduzem sua relação ao ato inteligível. (COCCHIARALE, 2006, p. 14).

Os artistas contemporâneos procuram despertar a sensibilidade ao invés de reduzir a obra ao ato inteligível, por isso propõem modelos perceptivos, experimentais e interativos, utilizando materiais diferentes e não convencionais até mesmo sendo retirados do cotidiano, conforme Cauquelin (2005, p. 119) “não é o valor do objeto que conta, é o valor que você deseja que ele tenha”. Por este motivo é que o valor da arte assim como a fruição depende de cada sujeito, pois têm a ver com o que se viveu no passado e com o que aprendeu referente à essência da arte.

Portanto, para valorizar e fruir a arte se faz necessário ter conhecimento sobre a mesma, reconhecer as transformações que influenciaram desde a arte moderna chegando até a contemporaneidade. Para Danto (2005, p. 202) “ver uma coisa como arte requer no mínimo isso: uma atmosfera de teoria artística, um conhecimento da história da arte. A existência da arte depende de teorias, sem uma teoria da arte a tinta preta é apenas tinta preta e nada mais”. Nessa perspectiva de ver uma coisa como arte também se encaixa a questão do gostar.

Quando julgamos um objeto artístico dizendo “gosto” ou “não gosto”, mesmo que acreditemos manifestar uma opinião “livre”, estamos na realidade sendo determinados por todos os instrumentos que possuímos para manter relações com a cultura que nos rodeia. “Gostar” ou “não gostar” não significa possuir uma “sensibilidade inata” ou ser capaz de uma “fruição espontânea” significa uma reação do complexo cultural que está fora de nós, isto é, a obra de arte. (COLI, 1995, p. 119).

Em referência à expressão entre aspas usada na citação de Coli, o que é considerado “gosto” para um pode ser “não gosto” para outro ou vice versa, pois pessoas de diferentes culturas, idades, sexo ou personalidade possuem desdobramentos distintos, na realidade estão sendo determinados por todos os instrumentos que possuem. Com o decorrer do tempo os conhecimentos são influenciáveis já que a partir de novas experiências os critérios estéticos mudam. Isso explica por que aquilo que emocionalmente em um dia nos toca, alguns dias depois já não tem mais aquele mesmo efeito, pois o ser humano está em constante transformação e desenvolvimento.

Jamais se vive num único plano ou numa única direção. Nos vários momentos, as coisas se conjugam de maneiras diversas e se interligam para novos fatos, novas possibilidades, sobretudo quando envolvem nossos sentimentos, valores, decisões e posições que temos que tomar. Crescemos, nos desenvolvemos e nos transformamos. Nossa capacidade de compreensão se amplia em direção do simples para o complexo, da unidade para a multiplicidade e para as diferenciações, de diferenciações menores para maiores, para sínteses, para a coerência na diversidade. A transformação e a ampliação do ser espiritual são os aspectos mais relevantes do desenvolvimento humano. (OSTROWER, 1999, p. 233).

Crescemos, nos desenvolvemos e nos transformamos e para que os sentimentos e emoções sejam provocados no momento da fruição de uma produção artística contemporânea é imprescindível à disposição e a sensibilidade pessoal, já que as experiências adquiridas ao longo da vida com suas percepções da realidade e suas vivências também influenciam o processo da apreciação. Cocchiarale (2006, p. 67-68) dialoga sobre o assunto:

Habituo-nos a pensar que arte é uma coisa muito diferente da vida, dela separada pela moldura e pelo pedestal. Aliás, a arte foi mesmo isso durante a maior parte de sua história, pelos menos desde a Renascença. A idéia de uma arte que se confunda com a vida é muito difícil de assimilar porque os nossos repertórios ainda são informados por muitos traços conservadores, alguns deles pré-modernos.

Nossos repertórios precisam ser desconstruídos de conceitos que foram estabelecidos sobre o período moderno, abrindo nossa mente para reflexão e consequentemente para o desenvolvimento individual, é necessário desprender-se dos traços conservadores que nos impedem de explorar a contemporaneidade e suas infinitas possibilidades de se relacionar com o que se observa e com o mundo a nossa volta, afinal a arte expressa à grandeza da vida.

### 3.1 ATIVO E PASSIVO: OS OPOSTOS NA INTERAÇÃO

A arte contemporânea propõe modelos participativos onde nos transforma e nos acrescenta enquanto sujeitos ativos no ato criador, pois o contato com a obra faz com que agreguemos mais elementos em nossos repertórios de tal modo a ampliar nosso olhar já que o público é envolvido de alguma forma sendo convidado a interagir com a obra.

Por isso ao iniciar os embasamentos teóricos sobre as artes interativas, é fundamental ressaltar a importância desta relação entre o artista e seu público, estabelecida por meio da sua obra. Conforme Costa (2004, p. 132) “se o papel do artista é tão importante que é capaz de modificar a maneira de olharmos o mundo à nossa volta, sem o público que percebe sua beleza e a transpõe para seu cotidiano, a obra de arte também não existiria”.

Desta forma, para esclarecer essa proposição do campo artístico que veio para acabar com a visão contemplativa da arte tradicional e abrir novos espaços para o público explorar outros sentidos além do olhar, Arantes (2005, p. 36) traz um conceito bastante apropriado:

A partir dos anos 1960 é possível encontrar, de forma mais explícita, trabalhos que procuram colocar em debate a visão contemplativa do observador em relação ao objeto estético e ao espaço ilusionista. Minimalismo, arte cinética, grupo Fluxus e instalações são alguns dos nomes que poderíamos citar como referência a essa arte mais participativa, que, ao romper com o mutismo contemplativo preconizado pela arte tradicional, muitas vezes chama o público a explorar a obra de arte com a utilização de outros sentidos além do olhar.

Quando se pensa em interação nas artes é impossível deixar de citar o trabalho de dois ícones brasileiros sendo eles Lygia Clark e Hélio Oiticica. O público é convidado a tocar os Bichos de Lygia Clark, 1960 (Figura 3) que nasceu 23 de outubro de 1920 em Belo Horizonte e faleceu 25 de abril de 1988 no Rio de Janeiro, ou a vestir os Parangolés de Hélio Oiticica, 1964 (Figura 4) que nasceu 26 de julho de 1937 no Rio de Janeiro e faleceu 22 de março de 1980 no Rio de Janeiro.

Estes artistas foram responsáveis por criações que despertaram a curiosidade e a interação do público, assim romperam com a posição passiva e contemplativa do sujeito para a posição mais ativa e participativa perante a obra. Produzir transformações:

Essa fórmula permeou o trabalho dos artistas brasileiros Hélio Oiticica e Lygia Clark. Significava, por um lado, o engajamento radical em suas próprias vidas, vivendo um processo de permanente atualização por meio da autoconstrução, desconstrução e experimentação. Diferentemente dos artistas da *body-art*, entretanto, o suporte principal do trabalho de Oiticica e Clark não era seus corpos próprios, mas os corpos de outros: o padrão foi sensorialmente revertido por eles no fluxo conceitual não por meio de uma simples inversão especular, mas no sentido de mover “você” da posição passiva de espectador para o papel ativo e singular de ser o sujeito de sua própria experiência. (BRAGA, 2008, p. 111).

Figura 3 – Bichos de Lygia Clark, 1960



Fonte: <http://www.itaucultural.org.br>

Figura 4 – Parangolés de Hélio Oiticica, 1964



Fonte: <http://www.itaucultural.org.br>

A interação nas artes surgiu com o intuito de encurtar o distanciamento existente entre artista, obra e público, por meio da iniciativa dos artistas Lygia Clark e Hélio Oiticica que deram os primeiros passos para esse tipo de produção artística, introduzindo uma nova maneira de ter contato com a obra e assim permitir várias possibilidades de manipulação e alteração no ato criador, contribuindo na construção do olhar e na ampliação da sensibilidade pessoal.

É justamente na ampliação da sensibilidade, enriquecendo-a, que ressalta a contribuição dos movimentos artísticos em nosso século. Eles nos levaram a olhar melhor para nós mesmos e, do mesmo modo, olhar melhor para os outros. Pois ao introduzirem novas possibilidades de estrutura espacial, como formas expressivas de nossa cultura, abriram nosso olhar para as formas expressivas de outras culturas e outros valores numa visão mais pluralista da própria vida humana. Resgataram, deste modo, muito do que tinha sido soterrado nas convenções formais exclusivistas, e por vezes bastante preconceituosas, de sociedades do passado. (OSTROWER, 1999, p. 179).

No período moderno com as limitações existentes em museus e galerias de arte o público era impedido até mesmo de chegar perto das obras, que eram limitadas por muitas fitas e marcações proibitivas. Esta formalidade exagerada ocasionou este distanciamento que a princípio foi estabelecido, entretanto hoje foi desconstruído através das artes interativas, conforme cita Arantes (2005, p. 37) “a arte se mistura com a vida, e o público é chamado a “viver” a obra”.

Por este caminho de museus e galerias de arte encontramos a figura do mediador, que se apresenta como uma ligação entre artista, obra e público. O ato de mediar quando mal feito pode estimular ao entendimento da obra, e de acordo com Cocchiarale (2006, p. 15) “o monitor, o educador ou mediador deve ser menos a pessoa que transmita conteúdos acabados e mais alguém que estimule o público a estabelecer algumas relações de seu próprio modo”.

Os possíveis desdobramentos de cada sujeito são reflexões particulares, uma experiência única e singular que requer parar para sentir, pensar, refletir e cultivar a atenção nos detalhes que muitas vezes passam despercebidos, e todo conhecimento não deve ser imposto às nossas atitudes e pensamentos e sim criar espaços livres para um olhar curioso e livre de pré-conceitos.

#### 4 MÉTODOS: DIRECIONANDO O CAMINHO DA PESQUISA

A pesquisa é um processo que vincula pensamento e ação e sua elaboração determina estabelecer uma metodologia, que segundo Minayo (2004, p. 16) “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. Deste modo, para desenvolver uma pesquisa, é imprescindível que o pesquisador se determine a investigar algo desconhecido, mas que se instigou a conhecer.

Essa pesquisa que tem como característica ser direcionada a um Trabalho de Conclusão de Curso traz como título: artista, obra e público: reflexões sobre as possibilidades de interação com a arte contemporânea. São muitas as dúvidas que o público apresenta perante uma obra exposta e é através desta inquietação que procuro investigar e compreender as relações entre o público e uma produção artística fundamentando-as a partir do levantamento teórico.

Minayo (2004, p. 18) afirma que: “toda investigação se inicia por um problema com uma questão, com uma dúvida ou com uma pergunta, articuladas a conhecimentos anteriores, mas que também podem demandar a criação de novos referenciais”. Portanto, o problema de pesquisa está assim elaborado: como o público interage com uma produção artística contemporânea?

Quanto à linha de pesquisa no curso de Bacharelado em Artes Visuais, insere-se em Processos e Poéticas, pois estabelece e evidencia a criação, fazer, linguagens, tecnologias, elementos e processos de criação, reflexão e poéticas das Artes Visuais. Quanto à sua natureza, esta será uma pesquisa básica, tendo uma abordagem qualitativa.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2004, p. 21-22).

Fazendo parte de uma pesquisa qualitativa onde trabalha com o universo de significados o ponto de vista dos seus objetivos será exploratório e explicativo, pois tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo mais explícito, e também por identificar e evidenciar os fatores que estão envolvidos em uma determinada situação que aqui é a relação de interação.



No que se refere aos procedimentos técnicos consiste em uma pesquisa bibliográfica, desenvolvida com base no levantamento de materiais já elaborados, constituídos principalmente de livros e artigos científicos. Não será realizada pesquisa de campo já que o intuito é um diálogo de pensamentos entre a pesquisadora e os autores que escrevem sobre o tema e a problematização elaborada.

Além disso, a pesquisa dialoga com uma produção artística que é um dos requisitos que envolvem o Trabalho de Conclusão de Curso, evidenciando a arte contemporânea por meio do desenvolvimento de uma instalação na perspectiva da interação entre artista, obra e público.

## 5 PASSADO E PRESENTE: CONTINUIDADE NO PROCESSO CRIATIVO

Toda produção artística é desenvolvida dentro de um longo percurso de dúvidas e alterações, é um processo contínuo que enfrenta dificuldades assim como se depara com intensos momentos de prazer e encantamentos, pois segundo Salles (2009, p.90) “a obra vai, assim, se desenvolvendo nesse ambiente emocionalmente tenso, em meio a prazeres e desprazeres, flexibilidade e resistência”.

A criação deve manifestar-se espontaneamente, intuitivamente e livremente, sendo a criatividade e sua realização correspondente a um percurso de construção de conhecimento e desenvolvimento da identidade do artista onde transparece seu pessoal e suas percepções da realidade através de decisões conscientes ou inconscientes.

Conforme Ostrower (1999, p. 7) “a fonte de criatividade artística, assim como de qualquer experiência criativa, é o próprio viver. Todos os conteúdos expressivos na arte, quer sejam de obras figurativas ou abstratas, são conteúdos essencialmente vivenciais e existenciais”. Portanto, uma produção artística é influenciada por todos estes conteúdos vivenciais e existenciais do artista, de um passado ligado ao presente.

Essa noção de continuidade, de um passado ligado ao presente sem deixar de ser passado, faz parte da nossa autopercepção. Ela constitui nossa memória e nossa identidade, a memória de cada indivíduo sendo única e irreproduzível. Passando tão livremente entre vivências através de espaços e tempos, e relacionando-as, a memória nos permite guardar uma espécie de acervo de nossas ações e experiências. (OSTROWER, 1999, p. 261).

Sendo assim, este acervo que a memória nos permite guardar estabelece nossa identidade e estilo do artista, e isso explica por que apresento maior identificação com certas formas e cores, já que desde as minhas primeiras produções artísticas ficou evidenciada a presença da forma ponto e a utilização das cores preto e branco.

Deste modo, pretendo esclarecer a essência destas escolhas e para isso procuro apresentar informações que evidenciam estes elementos aplicados na trajetória enquanto acadêmica e artista. Inicialmente menciono a afirmação sobre forma ponto segundo Gomes Filho (2006, p. 42):

É a unidade mais simples e irredutivelmente mínima da comunicação visual. Na natureza, o arredondamento é sua formulação mais corrente. Geometricamente ele é singular, não possui extensão. Qualquer ponto tem uma grande força de atração visual sobre o olho, tanto se sua existência é natural, quanto se é produzido pelo homem com algum propósito.

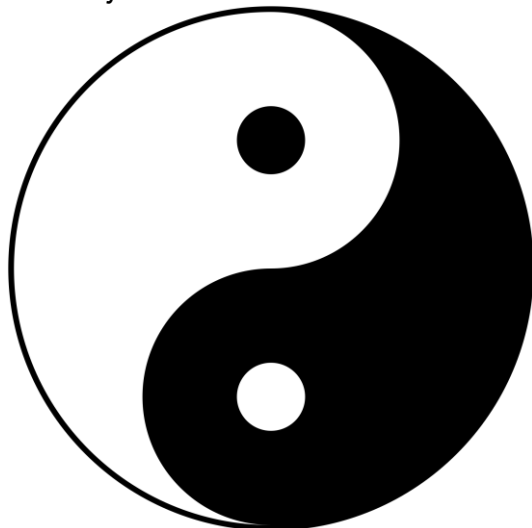
A respeito da preferência por esta forma arredondada assim como pelas cores preto e branco, deriva da inspiração na filosofia chinesa Yin Yang criada pelo I Ching, representando as duas faces da mesma realidade que sustentam o mundo, sendo forças opostas e complementares que buscam o equilíbrio e a harmonia.

Ao adotar esse modo de ver o mundo, você começa a compreendê-lo e relacionar-se com ele de uma nova maneira. Você pode começar a vê-lo como um equilíbrio sutil de forças que você pode influenciar negativa ou positivamente, começando por seu próprio corpo. (PALMER, 1997, p. 14).

O símbolo chinês mais conhecido para representar o conceito Yin Yang é o ideograma *Taijitu* (Figura 5) que significa: desenho da grande reciclagem. Constitui-se em um círculo dividido em lados opostos sendo Yin (metade preta) e Yang (metade branca), estas formas se encaixam gerando efeito de movimento e continuidade.

O significado dos princípios Yin e Yang correspondem respectivamente: mulher e homem, passivo e ativo, frio e quente, água e fogo, terra e céu, lua e sol, escuro e luz, noite e dia, inverno e verão, morte e vida e entre outros. Conforme este conceito cada sujeito, ação, objeto ou acontecimento possui o seu complemento dependente para a sua existência e equilíbrio.

Figura 5 – *Taijitu*: Desenho da Grande Reciclagem



Fonte: <http://www.brasile scola.com>

## 5.1 TRAJETÓRIA: RESGATANDO MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS

Depois de esclarecer a essência das escolhas, começo relatando minha trajetória no curso de Artes Visuais enquanto acadêmica e artista onde experimentei e testei diferentes materiais com suas diversificadas formas e cores, porém foi na disciplina de Composição Visual que tive a primeira experiência de desenvolver uma Mandala, 2010 com Frente (Figura 6) e Verso (Figura 7) na dimensão de 30 cm, utilizando a forma ponto e as cores preto e branco, que posteriormente acompanharam meus trabalhos.

Figura 6 – Mandala Frente, 2010



Autora: Karize Pereira Consoni

Figura 7 – Mandala Verso, 2010

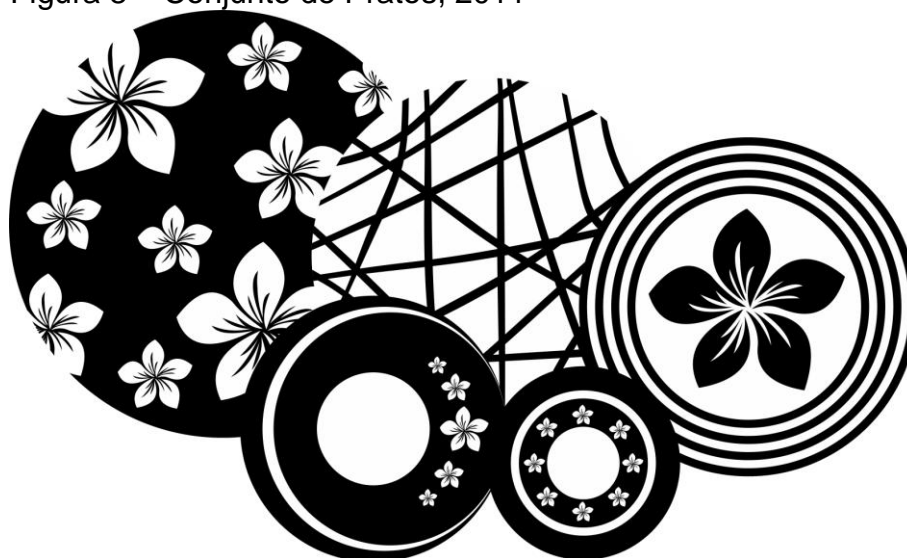


Autora: Karize Pereira Consoni

As próximas fases do curso vieram e outras disciplinas também e sempre que possível as produções se voltavam para os certos elementos, lembrando memórias de um passado tão presente. Para Salles (2009, p. 104) “lembrar não é reviver mas refazer, reconstruir, repensar com imagens de hoje as experiências do passado. A memória é ação. A imaginação não opera, portanto, sobre o vazio, mas com a sustentação da memória”.

Portanto, é possível confirmar que estas experiências do passado influenciaram no desenvolvimento de uma produção artística futura, já que na disciplina de Design de Superfície a proposta de criar um Conjunto de Pratos, 2011 (Figura 8) partiu inconscientemente de a forma circular assim como das cores preto e branco. O desenho da flor hibisco também estava presente na minha composição.

Figura 8 – Conjunto de Pratos, 2011



Autora: Karize Pereira Consoni

Até então, não tinha feito parte de nenhuma exposição e foi na disciplina de Arte e Agenciamento Cultural que surgiu esta oportunidade de participar na exposição coletiva “E nós, quem somos?” na Fundação Cultural de Criciúma. Minha proposta foi de instalação através da arte digital, pois a partir da ideia do Conjunto de Pratos que foram desenhados no programa Corel Draw, o projeto transformou-se em círculos de madeira com dimensões entre 40 cm a 20 cm representando a composição por meio da impressão dos respectivos desenhos em ambos os lados e estes ficaram pendurados no teto por um fio transparente.

A exposição tinha o intuito de lançar os acadêmicos no mercado de arte, podendo comercializar sua obra, então coloquei a minha produção Divina Flor, 2012 (Figura 9) à venda, e ela foi adquirida pela professora da disciplina Amalhene Baesso Reddig, também diretora do Setor Arte e Cultura da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Quando finalizada a exposição, minha produção foi para o Setor Arte e Cultura e passou a fazer parte do acervo artístico cultural da UNESCO.

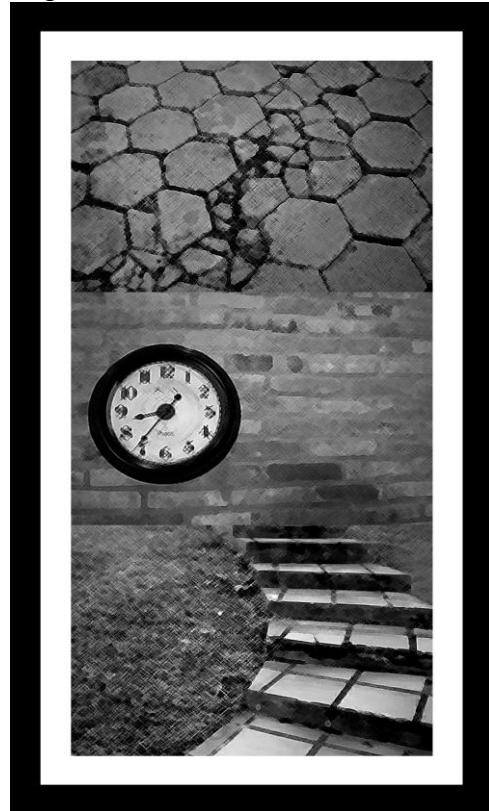
Nesse mesmo ano, na disciplina de Ensaios Fotográficos participei da minha segunda exposição coletiva “Fragmentos Revelados” no Corredor Cultural da UNESCO com a composição Fases da Vida, 2012 (Figura 10) nas dimensões 25x40 cm. Registrei com três fotografias onde nelas vemos a escada, que remete os degraus que devemos subir para alcançar o sucesso, o relógio referente ao tempo que não volta atrás então é preciso aproveitar todos os momentos, e as pedras que surgem no caminho, porém tornam-se pequenas quando possuímos sabedoria.

Figura 9 – Divina Flor, 2012



Autora: Karize Pereira Consoni

Figura 10 – Fases da Vida, 2012



Autora: Karize Pereira Consoni

Segundo Ostrower (1999, p. 259) “ao criar, nenhum artista parte da estaca zero. Mesmo no estado inicial de inquietação, no fluxo incontrolável de energias psíquicas e na aparente desordem de anseios e tensões, há uma certa coerência de ser e certas tendências seletivas latentes”.

Estas tendências citadas por Ostrower são nossas memórias que formam o estilo de cada artista e estão presentes no processo criativo desde a escolha inicial dos elementos visuais que são selecionados e combinados proporcionando certa coerência entre eles.

## 5.2 INSTALAÇÃO ARTÍSTICA: PROVOCANDO OS SENTIDOS

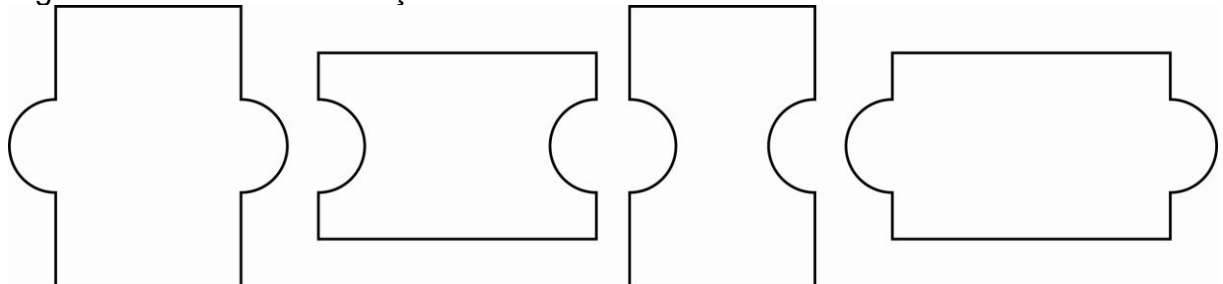
É a partir de meus pensamentos e produções que foram desenvolvidas durante todo o curso de Artes Visuais que surge a produção artística integrada a esta pesquisa. Procurei resgatar minhas memórias e vivências, onde a forma ponto e as cores preto e branco são evidentes. Trago novamente estas escolhas, pois fazem parte da minha identidade enquanto artista e deste modo um passado repleto de experiências é fonte de criatividade no presente.

Portanto, nas primeiras imaginações já tinha certeza que os opostos estariam presentes na produção artística, primeiramente por causa das cores preto e branco que já são minhas preferências. Além disso, existe a intenção de provocar os sentidos do público e para isto procurei criar efeito de continuidade e movimento desenvolvendo peças encaixáveis que necessitam da interação do público para dar continuidade como também ocasionar movimento.

Sendo assim, comecei a refletir sobre as inúmeras possibilidades existentes no campo da arte e selecionei apenas uma forma contemporânea de expressão artística: a instalação, já que pretendo construir o espaço de exposição na perspectiva da interação entre artista, obra e público.

Iniciei a proposta desenhando os quatro Modelos de Peças Brancas (Figura 11) e para continuá-la lembrei de que os opostos se atraem por isso imaginei fixado na parede um círculo metálico preto e apoiadas em um praticável<sup>4</sup> às peças imantadas brancas, desta forma justifica a escolha por estas cores e materiais.

Figura 11 – Modelos de Peças Brancas



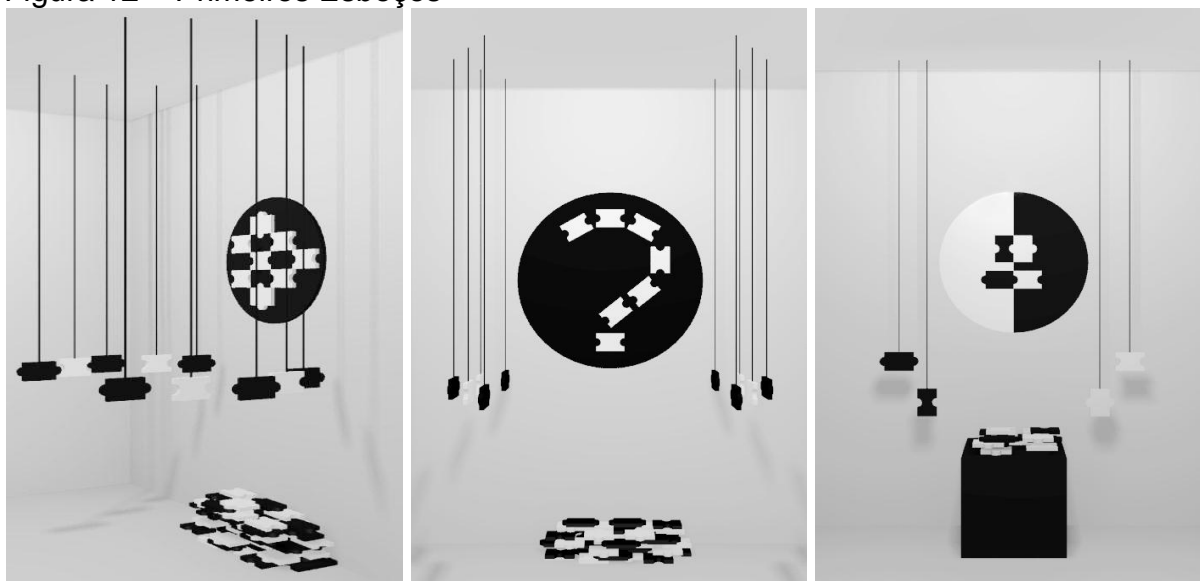
Autora: Karize Pereira Consoni

Então, começaram a surgir os Primeiros Esboços (Figura 12) onde pensei em utilizar fios pretos para suspender algumas peças e deixar outras no chão, tanto as peças suspensas como as do chão estariam à espera de alguém para pegá-las e interagir no grande círculo.

Fiquei em dúvida se deveria ou não colocar algumas peças aplicadas no círculo induzindo o público a dar continuidade, ou formar um ponto de interrogação instigando o público a responder da sua maneira. Ainda não satisfeita tentei mudar a composição dividindo o círculo em duas partes sendo uma metade branca e outra preta como também suspender somente os quatro modelos de peças e apoiar as outras em um praticável.

<sup>4</sup> Suporte de apoio para esculturas ou objetos, apresenta dimensões e cores variadas sendo utilizado na organização e montagem de uma exposição.

Figura 12 – Primeiros Esboços



Autora: Karize Pereira Consoni

Depois de um longo percurso de alterações e amadurecimento de ideias e possibilidades comecei o processo criativo da instalação artística, sendo importante destacar que segundo Salles (2009, p. 51) “quando se fala em processo criativo como ato comunicativo, não se pensa nos limites da procura por um público consumidor, a qual levaria o artista a fazer concessões”. Portanto, como o primeiro passo Desenhando e Recortando (Figura 13) imprimir os quatro modelos das peças com dimensões abaixo de 15 cm e os recortei, pois posteriormente serviram de moldes para desenhar as 40 peças em folha de E.V.A<sup>5</sup> e recortá-las.

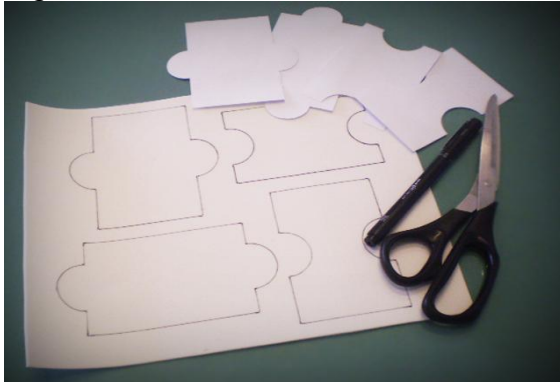
Continuei Aplicando os Adesivos (Figura 14) que foram criados por mim e produzidos por uma gráfica, já que são adesivos de recorte e as letras necessitam de precisão. Nesse momento cada peça recebeu a aplicação de uma palavra sendo quarenta palavras diferentes, entre elas: artista, obra e público. Prossegui Colando os Ímãs (Figura 15), as peças já estavam adesivadas e faltava somente à colagem de um ímã atrás de cada peça para futuramente ser atraída pelo Círculo Metálico Preto (Figura 16) na dimensão de 80 cm, este foi feito por uma metalúrgica.

Está inserido em todo processo criativo o desejo de ser lido, escutado, visto ou assistido. Essa relação é descrita de diferentes maneiras: complementação, cumplicidade, jogo, alvo de intenções, associação, soberania do receptor e possível mercado. É importante ressaltar que o próprio processo, por vezes, carrega marcas da futura presença do receptor, como, por exemplo, escolhas que sejam convincentes (a alguém), preocupação com clareza e desejo de sedução. (SALLES, 2009, p. 52).

<sup>5</sup> Sigla de "Etil Vinil Acetato", este produto é um composto químico de diversos materiais.



Figura 13 – Desenhando e Recortando



Autora: Karize Pereira Consoni

Figura 14 – Aplicando os Adesivos



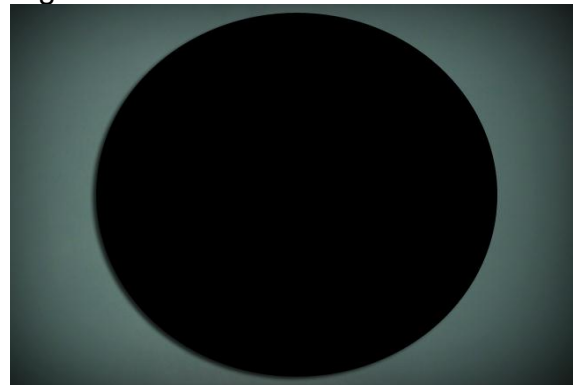
Autora: Karize Pereira Consoni

Figura 15 – Colando os Ímãs



Autora: Karize Pereira Consoni

Figura 16 – Círculo Metálico Preto



Autora: Karize Pereira Consoni

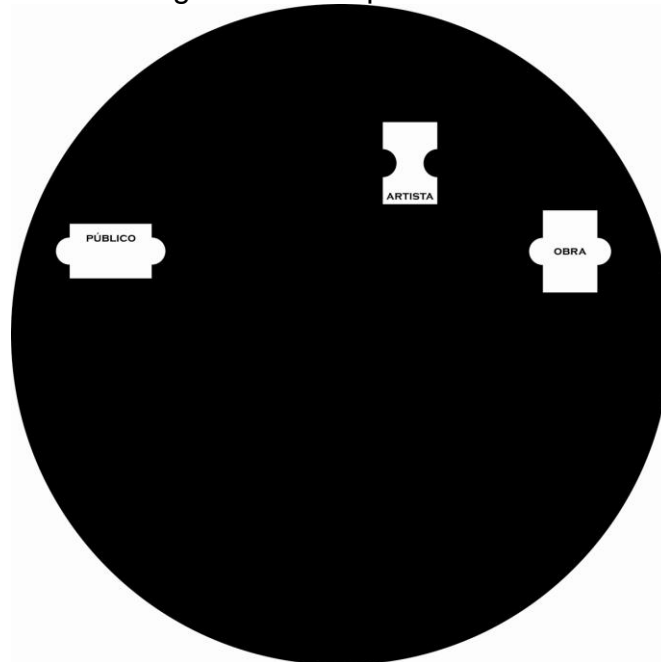
Deste modo, a instalação artística como ato comunicativo, expressivo e poético inicia com o círculo metálico preto e aplicadas nele 3 peças imantadas brancas, sendo: artista, obra e público. As demais 37 peças e suas diferentes palavras se encontram em um praticável.

Selecionei apenas estas três palavras, pois além de apresentarem ligação com a pesquisa em si, elas revelam as inquietações que o público em geral apresenta em relação à produção contemporânea de um artista, começando por se questionar se é permitido ou não contribuir ao ato criador e estas incertezas aparecem mesmo enquanto acadêmica.

Portanto, almejo desconstruir este distanciamento estabelecido pela arte moderna e para isto, a intenção é provocar os sentidos do público além do olhar, e este se sentir instigado a interagir com a arte contemporânea e fruí-la.

A fruição exige concentração e uma projeção do público na obra, em busca do artista. Quando o encontra e aprecia sua obra, mistura-se a ele e se integra ao ato criador. É por isso que dissemos que é no público que a obra de arte finalmente se realiza. (COSTA, 2004, p. 55).

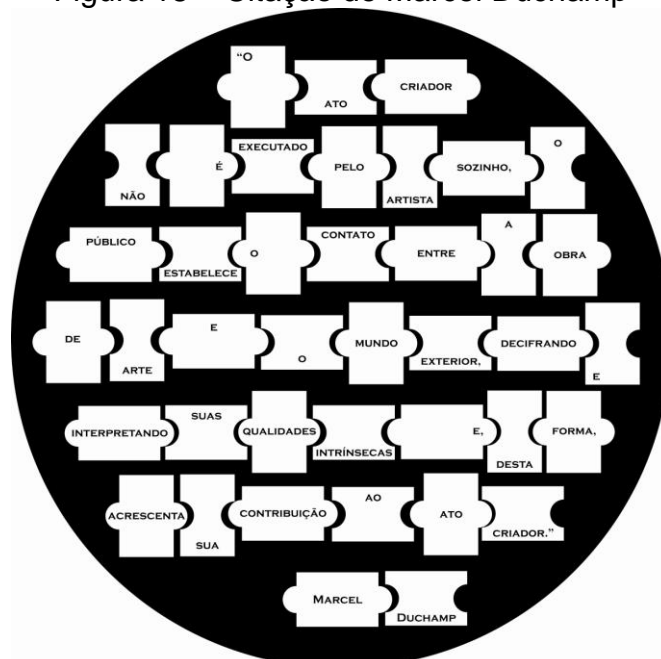
Figura 17 – Proposta Inicial



Autora: Karize Pereira Consoni

Portanto, a Proposta Inicial (Figura 17) é apresentada pela artista e esta se finaliza momentaneamente no público já que é possível a todo instante distribuir as 40 peças pelo círculo e alterar sua composição movimentando-as de um lado para o outro transformando em infinitas possibilidades, como em palavras soltas ou talvez frases, um poema e até mesmo a Citação de Marcel Duchamp (Figura 18).

Figura 18 – Citação de Marcel Duchamp



Autora: Karize Pereira Consoni

A Instalação: Dualidade, 2013 (Figura 19) fez parte da exposição coletiva “Keep Calm and Respire Arte” na Galeria de Arte Octávia Gaidzinsk do Teatro Elias Angeloni, onde pude registrar alguns Momentos do Público Interagindo (Figura 20) com a produção artística. Seja também criador!

Figura 19 – Instalação: Dualidade, 2013



Autora: Karize Pereira Consoni



Figura 20 – Momentos do Público Interagindo



Autora: Karize Pereira Consoni



## 6 REFLETINDO SOBRE OS CONHECIMENTOS CONSTRUÍDOS

Pesquisar, escrever e produzir arte foi um grande desafio com muitos momentos de indagações, receios e incertezas, tanto a respeito do campo artístico como o sucesso da pesquisa, pois não é apenas reunir autores e citações, sobretudo é perceber a necessidade em assumir uma postura não só crítica, mas reflexiva diante da realidade. Momentos de prazer e encantamentos também acompanharam o desenvolvimento da pesquisa, já que ao percorrer a história da arte desde o período moderno até o contemporâneo pude perceber a sua grandiosidade e a importância na ampliação do olhar e na construção do repertório dos sujeitos.

Procurei relatar as transformações que aconteceram na arte, e continua em constante evolução, pois aquela preocupação em representar tal realidade como era vista, como as regras impostas no período moderno foram rompidas, surgindo assim à arte contemporânea que busca por inovações e novos rumos para expressar os sentimentos e emoções de cada ser humano. Deste modo, libertou-se dos espaços fechados dos museus e galerias para manifestar-se em espaços abertos e livres do nosso dia-a-dia, estimulando nosso olhar a apreciar com mais atenção os detalhes que normalmente passavam despercebidos.

Diante das dúvidas que o público em geral apresenta perante uma produção artística contemporânea, como também as minhas inquietações enquanto acadêmica do curso de Artes Visuais, formulei o seguinte problema de pesquisa: como o público interage com uma produção artística contemporânea? Portanto, realizei esta pesquisa bibliográfica fundamentando-a a partir do diálogo com concepções de autores que abordam esta problematização buscando assim compreender as possibilidades de interação que podem ser estabelecidas entre o público e uma produção artística contemporânea.

Neste período de busca para vincular aspectos teóricos com práticos, foi possível construir novos conhecimentos frente às minhas vivências anteriores. A arte contemporânea ainda causa estranheza, quem sabe seja pela sua efemeridade ou por sua diversidade, já que não oferece essencialmente respostas, e sim nos faz pensar, refletir e especialmente sonhar. Não há um conceito definido, porém compreendo que ela provoca, instiga e estimula os sentidos de modo a atingir a emoção.

Para sentir essa emoção é preciso que a obra tenha a ver com sua sensibilidade. Esta, por sua vez, depende da sua idade, cultura, enfim, daquilo que diferencia você dos outros. Claro que depende do artista que criou a obra e de como o fez, mas tanto a intenção do autor como a qualidade de sua obra se realizam de forma definitiva naquele que a contempla e que com ela se deleita. É preciso, portanto, que o público se deixe emocionar e aprenda a distinguir o que aprecia e por quê. Além disso, se compreendermos que cada um tem sua sensibilidade, não ficaremos escandalizados com as preferências do outro e respeitaremos os gostos que são diferentes. (COSTA, 2004, p. 27).

Na perspectiva de se deixar emocionar, a arte começa a participar da vida cotidiana das pessoas, buscando maneiras de criar relações. Esta aproximação se deu, pela possibilidade que o público tem de participar, tocar, interagir com a obra caracterizando assim as artes interativas que apresentam como intuito encurtar o distanciamento entre artista, obra e público estabelecido na arte moderna.

Assim sendo, para contribuir com a mudança de pensamento do público e para que este repense nos seus conceitos sobre arte, já que existe muito de nós mesmos refletido em uma obra, busco referências nesta pesquisa interligando-a a instalação artística Dualidade, onde a intenção é provocar os sentidos do público e fazer este se sentir instigado a interagir com a arte contemporânea participando ativamente do processo criador.

Para interagir com uma produção artística contemporânea, é necessário desprender-se dos traços conservadores e explorar suas infinitas possibilidades de se relacionar com o que se observa e com o mundo à nossa volta. Portanto, possibilidades de interação existem, permitindo o público vivenciar diferentes sensações, porém para que isto aconteça depende muito da sensibilidade de cada pessoa e que esta esteja aberta para novas experiências, para utilizar outros sentidos além do olhar, livre de pré-conceitos, disposta a sentir e não somente reduzir a obra ao entendimento.

Enfim, compreendi nesta pesquisa, que a arte contemporânea está sempre ultrapassando as expectativas do público e cabe a cada um deixar-se sentir. A arte é expressão de sentimentos, onde a intenção do artista é de expressar sua ideia através da sua obra e despertar emoção e curiosidade do público, para que este se permita integrar ao ato criador acrescentando sua contribuição, assim a obra não se finaliza e permanece em constante criação, como é o caso desta pesquisa que a partir das ações do público existe a possibilidade de continuidade ou talvez até de outra pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Priscila. **Arte e mídia: perspectiva da estética digital**. São Paulo: Senac, 2005.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRAGA, Paula (Org.). **Fios soltos: a arte de Hélio Oiticica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CANTON, Katia. **Do moderno ao contemporâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CANTON, Katia. **Espaço e lugar**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo de arte contemporânea?**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2006.

COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

COSTA, Cristina. **Questões de arte: o belo, a percepção estética e o fazer artístico**. São Paulo: Moderna, 2004.

DANTO, Arthur Coleman. **A transfiguração do lugar-comum: uma filosofia da arte**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

GOMES FILHO, João. **Gestalt do objeto: sistema de leitura visual da forma**. São Paulo: Escrituras, 2006.

LAMAS, Nadjá de Carvalho (Org.). **Arte contemporânea em questão**. Joinville, SC: Univille, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

O'DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco: a ideologia do espaço da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PALMER, Martin. **Yin e Yang**: a filosofia chinesa dos opostos e sua aplicação na vida diária. São Paulo: Pensamento, 1997.

PEIXOTO, Maria Inês Hamann. **Arte e grande público**: a distância a ser extinta. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. São Paulo: Annablume, 2009.